

Pan-africanismo, democracia, movimentos sociais e lutas coletivas.¹

Ernest Wamba-dia-Wamba

Tradutores: Márcio André Oliveira;²

Maria Andrea dos Santos Soares³

O Lugar do Pan Africanismo na História do Mundo.

...o sistema perverso do colonialismo e do imperialismo surgiu e prosperou com a escravização e o comércio de negros e certamente chegará ao seu fim com a completa emancipação do povo negro (Mao Zedong).

Estamos em uma era planetária, a era da chamada "globalização rápida". Demorou cerca de 500 anos para ela chegar à maturação: da primitiva acumulação mundial que levou à ascensão do capitalismo na Europa até a expansão do capitalismo aos rincões mais remotos do planeta Terra⁴. Resistências à acumulação e à expansão tiveram de ser destruídas através de guerras de conquista, genocídios, escravização, colonizações, cercos, saques, deportação, assassinatos, "guerra de baixa intensidade", destruição violenta de sistemas de sobrevivência autossustentável, violência contra as mulheres (estupro em massa, fazendas de criação de escravos, esterilização forçadas, turismo sexual), "doenças imperiais", etc. Ainda assim, a resistência continua. Os povos africanos, os povos Negros, apesar de sua contribuição fundamental como escravos, como presente ao capital, como trabalhadores coloniais e neocoloniais forçados, viveram neste período principalmente como vítimas e subordinados,

¹ Pan Africanism, Democracy, Social Movements, and Mass Struggles”- Originalmente publicado em: African Journal of Political Sciences New Series; vol. 1; n. 1; junho 1996.

² É Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Mestrado e Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisa política comparada com tese sobre as relações político-institucionais entre movimentos negros e Estado no Brasil e na Colômbia. Fez estágio doutoral na Johns Hopkins University, em Baltimore, Estados Unidos, sob orientação do Prof. Dr. Michael Hanchard no período de janeiro a julho de 2009. Foi professor da graduação e do mestrado em Ciência Política na Universidade Federal do Piauí de 2013 a 2015. Atualmente é professor do quadro efetivo do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira UNILAB, campus dos Malês em São Francisco do Conde, Bahia. Foi coordenador do UNIAFRO - Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola e subcoordenador do IFARADÁ - Núcleo de Pesquisa Sobre Africanidades e Afrodescendência, ambos na UFPI. Tem experiência nas áreas de Ciência Política e Sociologia Política, com ênfase nos estudos dos movimentos sociais, movimentos negros comparados, relações raciais e teoria do reconhecimento.

³ PhD. University of Texas at Austin- Anthropology Department- African Diaspora Program -2015. Mestrado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul- 2007. Graduação Licenciatura em Artes- Habilitação em Artes Cênicas. Docente no Instituto de Humanidades e Letras/UNILAB/Campus do Malês.

⁴ Esta questão é bem examinada por Edgar Morin e A. B. Keru. Terre Patrie. Paris : Editions du Seuil. 1993.

ou seja, como legítimas presas. De não-pessoas (máquinas-sêmen-commodities falantes)⁵, para sub-pessoas (1/3 de uma pessoa na primeira Constituição dos EUA), para pessoas dominadas.

De fato, as tentativas de justificar o sistema desigual resultante disto deram origem à ideia de classificar os povos do mundo por raça e, em seguida, colocá-las em uma hierarquia social. A doutrina supremacista branca da civilização foi construída sobre isso. Durante muito tempo os negros, foram confrontados com um destino comum (primeiro o racismo, depois o colonialismo) o que os levou a aceitar virar uma identidade comum⁶ - que o movimento negritude, por exemplo, cantava. A resistência contra tal destino imposto era pesada. Algumas mães preferiam matar seus filhos do que vê-los vendidos; outras se recusaram a parir crianças para venda. A *Lemba Kongoism*^{7 8} - doutrina e prática para proteger a comunidade - por exemplo, surgiu em uma área devastada pela escravização na sociedade congoleza. Escravos fugidos, aqui e ali nas Américas, encenaram revoltas quilombolas⁹. Esses perfis de coragem são muitas vezes deixados em silêncios históricos. A primeira vitória revolucionária escrava bem-sucedida, sob a liderança de Toussaint L' Ouverture, inspirou-se na *Lemba Kangaism* em seu primeiro hino: *Kanga Bnfioti, Kanga Mindele* — proteja os fracos e amarre (prenda) o branco. As autocelebrações históricas abolicionistas marginalizaram nas histórias escritas iniciativas ousadas dos escravos.¹⁰

Em última análise, o panafricanismo, como uma forma de consciência global – o entendimento de que nenhum negro será livre até que todos os negros sejam livres - surgiu precisamente para confrontar a velha consciência global baseada na raça que subjaz o expansionismo capitalista. O panafricanismo visava defender a igualdade humana, os direitos humanos contra discriminação e a organização do processo de libertação da subordinação dos negros em todo o mundo. Qualquer pensamento ou doutrina é sempre determinado por aquele contra o qual surge - daí sua limitação.

O horizonte do panafricanismo se desenvolveria em uma forma de internacionalismo e política emancipatória. Esta última, parte da convicção de que as coisas não vão permanecer assim só porque são assim: as pessoas podem viver de forma diferente do que vivem no presente. O panafricanismo está

⁵ Nota de tradução: do original em inglês “... (speaking machine-cum-commodities) ...” pg. 09.

⁶ “Povo Africano, Povo Negro” expressão inspirada na resenha de Mongo Beti “*Peuple Noirs, Peuple Africains*”

⁷ John M. Janzen. *Lemba, 1650-1930*. New York and London: Garland Publishing, inc.1982.

⁸ Nota de tradução: Culto visando a cura, o sucesso no comércio e o casamento praticado pelo povo Lemba, da região e que utiliza do tambor sagrado, nomeado “Nkonko” (Tambor da Aflição). Este processo terapêutico foi utilizado pelos lemba durante o século XVIII para “curar” das perturbações que o tráfico escravista estava causando nas comunidades lemba. Não está muito claro porque o autor utiliza “Lemba- kongoism” já que no livro de Janzen, citado pelo autor do artigo na nota acima, não encontramos esta expressão e sim a expressão “*lembikisa*”.

⁹ Tema desenvolvido por Patrick Manning no seu *Canções da Democracy: o mundo de 1989 a 1991 e por vir*.

¹⁰ C. L. R., James. *A History of Pan-African Revolt*. Washington D. C.: Drum and Spear Publishing, 1969.

enraizado em uma ruptura com a consciência submissa em favor de uma política de consciência que é uma atitude ativa, consagrada à realidade, à política e é uma invenção prescritiva.¹¹

Desde meados de 1989, parece existir um consenso mundial, especialmente entre os movimentos sociais, sobre a necessidade de expandir os direitos democráticos estendendo a todas as pessoas todos os direitos humanos. Uma nova consciência global está surgindo, uma que desacredita a antiga construída sobre discriminações raciais, religiosas, de gênero ou culturais. Este é um desenvolvimento significativo.¹² Dúvidas ainda prevalecem, no entanto. Os ancestrais dessa consciência global moderna nem sempre foram consistentes em defender a igualdade humana e rejeitar a subordinação do povo negro. As tradições seculares das revoluções francesa e americana não necessariamente reconheceram a grande contribuição de Toussaint L'Ouverture para a luta pela liberdade humana. As filosofias do Iluminismo, por exemplo, não o teriam visto como um associado. Condorcet e Diderot, tão aclamados, por exemplo, não favoreceram uma transição rápida para o fim da escravidão.¹³ As visões da unidade de classe global dos movimentos socialistas e comunistas muitas vezes não conseguiram "desminoritizar" os trabalhadores negros. Mesmo os partidos comunistas consideravam que o colonialismo era um "atalho" para o desenvolvimento das forças produtivas. Pan-africanistas como o Aime Cesaire¹⁴ e George Padmore¹⁵ tiveram de renunciar deste tipo de partido.

As reclamações dirigidas à comunidade mundial de crentes do cristianismo e do islamismo por não lutarem consistentemente contra as hierarquias raciais, apesar de vozes de protesto como a de Las Casas. Os padres "humanistas" do reino do Kongo exigiam apenas que os escravos fossem batizados antes de embarcarem nos navios negreiros, um dos quais se chamava Jesus! Colocados na base da hierarquia social (alguns teólogos até especulavam que os negros não tinham alma), aos povos negros foram negados atributos como civilização, cultura e história. Das suas experiências se disse que elas não tinham valor educacional, tampouco autenticidade e nem valor de conhecimento.¹⁶ Visando provocar uma quebra com a consciência submissa por parte de alguns africanos que terminavam por acreditar que eles eram inúteis para a "humanidade" que pessoas como Cheikh Anta Diop trabalharam tão arduamente para produzir um registro correto das civilizações africanas.¹⁷

¹¹ Para detalhes sobre política emancipatória ver E. Wamba Dia-Wamba (1993) "Democracy, Multipartyism, and Emancipative Politics in Africa: the case of Zaire" *Africa development*, Vol. XVIII. n° 4; pp.95-118.

¹² Para detalhes ver Patrick Manning, op. cit.

¹³ De acordo com um livro *Les Misères de Lumière* de Louis Salamoulin, trazido à minha atenção por Jacques Depelchin (correspondência pessoal)

¹⁴ Veja a sua *Lettre pour Maurice Thorez*. Paris: Presence Africaine, 1956.

¹⁵ Georges Padmore. *Pan Africanism or Communism?* London: Dennis Dobson.1956.

¹⁶ G. W. F. Hegel. *Lectures on the Philosophy of World History: Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. 1975.

¹⁷ Ver o seu trabalho de síntese *Civilization or Barbarism*. New York: Lawrence Hill Books.1991.

A noção de uma hierarquia racial na inteligência e na criatividade tornou-se mais influente quando os impérios europeus estavam em sua maior extensão (1890-1940). Claro, o fato dos museus imperiais estarem cheios de artefatos africanos e de um aclamado artista europeu como Picasso deliberadamente copiar algumas formas de arte congolenses, por exemplo, não prova a inferioridade artística africana. De qualquer forma, a brutal expropriação colonial de terra e trabalho foi justificada com base na hierarquia racial. As potências ocidentais se retrataram como as fornecedoras da "civilização"; a ocupação territorial da África justificava-se em nome de "trazer a civilização para a África Negra."

Foi também durante este período que formas concretas de organização do panafricanismo (por exemplo, os Congressos Pan-Africanos, etc.) tomaram forma. Apesar da condição colonial em África, os africanos participaram ativamente. O Partido Panda e a União Congolense (1919- 1930), por exemplo, participaram no 3º Congresso Pan-Africano realizado em Bruxelas em 1921.¹⁸ Dois outros congolenses, do Congo belga, foram para a Jamaica, em 1928, para se encontrar com Marcus Garvey. Um pequeno Movimento Pan-Africanista, liderado por um certo Jackson, organizou um movimento de luta anticolonial no Congo belga. As lutas e a resistência bem sucedida dos quilombolas, as vitórias de escravos, os movimentos e as lutas antiescravistas, a abolição da escravidão etc., não foram bem sucedidas na supressão da ideologia e das práticas de supremacia branca altamente apoiadas pelo imperialismo europeu. A completa libertação da África passou a ser vista como a condição para abolir a servidão da pessoa Negra.

Certamente, os movimentos de determinação nacional anticolonial deram tremendo ímpeto à visão da igualdade racial. Através do seu 5º Congresso, o Pan-Africanismo deu importantes contribuições para o avanço da vitória desses movimentos na África. O estabelecimento de um sistema global de nações - incluindo as nações africanas - todas com igualdade de estatuto jurídico (pondo fim à cidadania de segunda classe nos assuntos mundial), a expansão da alfabetização; sistemas nacionais de educação; renúncia formal, em muitas declarações nacionais e internacionais, de discriminação por raça, etnia, religião, ou gênero e uma extensão dos princípios da não discriminação em muitas novas áreas; a mudança das condições sociais das mulheres e a ascensão das críticas feministas na sociedade, dando origem a uma série de debates, não só sobre a discriminação de gênero, mas sobre a natureza da interdependência humana em geral, levando a novas reivindicações dos direitos humanos; avanços técnicos das telecomunicações modernas;¹⁹ e o fim da Guerra Fria, todas estas coisas minaram

¹⁸ Kalubi M'kola. De Paul Panda Simon Kimbangu. Kinshasa: Editions Betras. 1952.

¹⁹ Detalhes em Patrick Manning, op. cit.

consideravelmente a consciência global baseada na raça. Lutas panafricanistas e culturais (artes, música, etc.) e produções científicas também tiveram impacto.

Obtida na base da "derrota através da vitória",²⁰ a independência política africana revelou-se uma vitória limitada. Reproduziu-se, com pequenas alterações, a divisão colonial do continente africano e a reestruturação imperial da sua economia. Esperamos que o apartheid morra em breve, com o sucesso de uma democracia que não esteja baseada na raça e pela qual se luta. Até há pouco tempo, o apartheid, um sistema exclusivamente baseado na "minoritização" dos Negros, continuou a ecoar uma consciência global baseada em diferenças raciais. Os democratas imperialistas dos EUA se recusaram a endossar na ONU a condenação do apartheid como "um crime contra a humanidade" e aceitaram apenas a fraca "violação grosseira dos direitos humanos."

De fato, a relutância geral em ver o comércio atlântico de escravos como um holocausto humano e a resistência contínua contra as exigências de reparações tanto devido ao comércio de escravos quanto ao colonialismo (baseado em guerras injustas de conquista e, portanto, sem qualquer justificação moral ou legal), significa que a "minoritização do povo Negro com base na diferença racial permanece ativa na consciência global. O recente recuo na busca por igualdade racial no contexto democrático imperialista dos Estados Unidos é bem conhecido.

Apesar das cantilenas generalizadas das democracias raciais que não veem cor²¹ latino-americanas, a discriminação gritante continua a atormentar os descendentes de 10 milhões de escravos africanos que foram trazidos para trabalhar nas plantations e nas minas do Novo Mundo. Esta discriminação é composta por uma negação quase universal da herança e das identidades negras, mesmo em países com uma vasta população negra, o que torna os negros efetivamente invisíveis.²² Enquanto está sendo espremida por programas de ajuste estrutural e fundo de dívida, a África, especialmente a África subsaariana é crescentemente marginalizada e afundada na pobreza absoluta enquanto continua a transferir capital para o exterior.²³ O papel histórico do pan-africanismo precisa ser revitalizado.

Contexto Mundial da Democratização

²⁰ Irungu Houghton. *Defeat through Victory: Two Case Studies of African Nationalist Movements: Kenya 1940's to 1969 and Zimbabwe 1960's to 1988*. Dar es Salaam: MA Dissertation in History, UDSM. 1991.

²¹ Nota de tradução: do original em inglês "color blind"

²² Edição especial: *Report on the Americas on the Black Americas; 1492- 1992*. Vol. XXV No. 4 February 1992. p. 15.

²³ Mary Chinery—*Hesse Poverty Alleviation in Developing Countries, with Particular Reference to Africa*. Palestra feita durante a Conferência Segurança Social e Pobreza como Questões Mundiais, Maastricht, 5 March 1994.

A democratização ou redemocratização tem de ser conceitualizada a nível de todo o planeta terra. Ela envolve relações globais de poder e não apenas aquelas dentro de um território específico. É bom ter democracia plena em uma reserva; o mais relevante seria democraticamente abolir a própria reserva. Democracia tem também de ser apreendida do ponto de vista de toda a sua história.

As experiências de grande parte da humanidade têm sido deixadas de lado na sistematização das teorias democráticas. Quando a maioria das pessoas do mundo estavam reduzidas a sub-povos colonizados e neo-colonizados, a iniciativa e a criatividade em relação à democracia restringiam-se a ser um assunto de poucos. Os democratas imperialistas têm sido responsáveis, de muitas maneiras, por promover o autoritarismo em muitas partes do mundo - por vezes em nome da democracia.

Uma democracia erguida com base nas conquistas coloniais e que mantém os povos nativos e aborígenes em reservas, deve ser criticada levando em consideração o ponto de vista de suas vítimas. As pessoas destituídas de direitos nesses contextos constituem testemunhas radicais das limitações dessas democracias. Na minha opinião, a antiga democracia grega - a democracia da Ágora - é comparável ao *Palaver*²⁴ do *Mbongi*²⁵ (lugar do fogo): no primeiro, excluía escravos, mulheres e estrangeiros, e no segundo (algumas vezes) excluía as mulheres. Essa comparação foi descartada pelo fato de que não se pode negar atributos de civilização para pessoas cujos modos da vida se pode descobrir elementos da civilização. Algumas conferências nacionais, pelo menos em alguns países africanos francófonos, inspiraram-se em experiências de *Palaver* africano.

Movimentos sociais (antigos e novos), incluindo movimentos democráticos em todo o mundo, estão exigindo uma democracia consistente vinda de baixo. Democratas imperialistas agem como democratas em algumas partes do mundo, porém atuam como imperialistas em outros lugares, apoiando todos os tipos de autoritarismo. A eleição de 1990 no Haiti, por exemplo, foi uma testemunha radical. Um amplo movimento de massa, de democracia de baixo para cima possibilitou à eleição de Jean-Bertrand Aristide (16/12/1990). Os democratas imperialistas dos EUA, impacientes para ver uma democracia liberal em Cuba, estavam relutantes em dar apoio ao presidente Aristide e às forças democráticas haitianas.

Como o governo do povo pelo povo e para o povo, as experiências históricas da democracia muitas vezes se basearam em um conceito de povo que excluía algumas outras pessoas. O desafio dos

²⁴ Nota de tradução: “Palaver” é um modelo de resolução de conflitos e conciliação baseado no diálogo interativo presente em algumas sociedades africanas. Ver: Theodros A. Teklu *African Moral Pedagogies*. London: Routledge.2021.

²⁵ E. Wamba-dia-Wamba (1986) "Experiences of Democracy in Africa: Reflections on the Practices of Communalist Palaver as a Method of Resolving Contradictions Among the People" *Philosophy and Social Action*. Vol. XII, No. 2, April - June, pp. 19-29.

movimentos sociais mundiais é ver toda a humanidade constituir-se como uma comunidade de pessoas, ou seja, a democratização, a nível global, visa erradicar situações de “minoritização” das partes restantes da humanidade. Visa criar um espaço político de igualdade geral em torno do qual múltiplos e diversos indivíduos, povos, grupos, raças, classes, gêneros, etc. lutando em busca de seus respectivos destinos. A extensão e a centralidade dos direitos humanos neste desafio, tem levado pessoas em uma ampla gama de países a se sentirem à vontade para criticar o Estado, a força principal, que sabota vários direitos humanos em vez de protegê-los.²⁶

Não haverá uma democracia significativa em nenhuma parte do mundo enquanto o mundo inteiro continuar a ser fundamentalmente antidemocrático. Democratas imperiais, agora reunidos na gang do G7, e outras democracias do Norte global, consomem mais de 2/3 dos recursos mundiais. Nenhum desejo significativo (imperativo normativo) está surgindo nesses países para democratizar a situação, ou seja, para mudar efetivamente as relações de poder em favor da redistribuição da riqueza mundial em todos os níveis. Algum nível de fortalecimento material é necessário para competir democraticamente de forma eficaz. Os esquemas sendo implementados - programas de ajuste estrutural (ajuda assistencialista ao invés de soluções estratégicas e produtivas)²⁷ às decisões do GATT²⁸ — ainda visam espremer dos pobres o 1/3 dos recursos mundiais restantes.

A África está agora enviando mais capital para o Centro do que o auxílio que está recebendo, intensificando e aprofundando a pobreza absoluta. O sistema ONU, tal como organizado para a conjuntura mundial pós 1945 - já obsoleto - tende a tornar-se uma máquina da Nova Ordem Mundial.

Democratização é criatividade em si mesma e não apenas um modelo a ser aplicado a um território. O imperialismo dos paradigmas dominantes, no que diz respeito à democracia bem como ao desenvolvimento, devem ser desafiados. Democracias ocidentais (democracias imperiais) não deveriam ter o monopólio acerca da democracia. Uma gama inteira de experiências históricas de povos, movimentos e grupos que lutaram pela democracia e pela paz deve ser levada em conta. Os poderes imperiais vêm a si mesmos como os guardiões da paz mundial e da democracia, como o melhores promotores e defensores da democracia e dos direitos humanos. O ponto de partida da política emancipatória é que todas as pessoas pensam (todos são sujeitos pensantes). Os paradigmas dominantes implicam que poucas pessoas têm o direito de fazer perguntas por si mesmas e por outras pessoas, e

²⁶ Novamente, para detalhes ver Patrick Manning, op. Cit.

²⁷ O Plano Marshall para a Europa pós 1945 e o auxílio dado para vencer o Japão depois de 1945 constituem casos de tipos estratégicos de auxílio financeiro.

²⁸ Nota de Tradução: General Agreement on Tariffs and Trade- GATT é um acordo de comércio assinado em 1947 e que visava diminuir barreiras para o comércio internacional. Deu origem a Organização Mundial do Comércio (World Trade Organization- WTO).

estas outras pessoas renunciam do direito de questionarem por si mesmas.²⁹ O dominado é aquele a quem e as expensas de quem os paradigmas dominantes exercem efeito, bloqueando seu direito de criatividade e inovação. Cada vez que são postas as questões de quem, para quem, com que propósito, elas devem ser explicitadas para cada paradigma. A operacionalização da democracia (âmbito, formas de representação, tipos de eleições, forma/regime de estado, etc.) deve ser subordinada ao fato de que todos os direitos de cada pessoa sejam devidamente respeitados.

A história da democracia é precária. Avanços e aprofundamentos da democratização podem ser seguidos de retrocessos. Há sinais de retrocesso nas democracias ocidentais. Enquanto seus países têm se tornado internacionalizados ou multinacionalizados, através das leis de imigração eles têm praticado uma forma de limpeza nacional. Eles têm se tornado crescentemente incapazes de lidar democraticamente com as minorias. Cegos pelo triunfalismo capitalista, pelas lições do colapso dos estados socialistas, até no que concerne à democracia, a saber: o reconhecimento consistente, a tolerância e o respeito pelas múltiplas diferenças não estão sendo assumidos. Os valores ocidentais são tomados como os unicamente universais e os assim chamados valores particularistas³⁰ são combatidos. O desenvolvimento da tecnoburocracia trouxe uma dominância de especialistas em todos os setores restringindo discussões e decisões políticas³¹. Um abismo está crescendo entre uma tecnociência hiper-especializada e esotérica de um lado e o conhecimento do cidadão do outro lado. Pessoas com conhecimento têm mais direito do que cidadãos ignorantes. O desejo e a necessidade de democratizar o conhecimento parece estar retrocedendo. Se a comunidade é incapaz de controlar o seu conhecimento, a comunidade está à mercê de um punhado de “feiticeiros”, como se diz na sociedade do Congo.

Com caráter prolongado da crise econômica mundial uma tendência de reduzir política à economia se desenvolveu, a democracia é reduzida à economia de mercado, e a economia se torna o único problema político permanente. Este é o outro lado do desenvolvimentismo nos países do sul. A sociedade está cada vez mais dividida em uma base desigual: os que têm e os que não têm, aqueles que têm o direito a viver e aqueles que vivem morrendo pouco a pouco.

Falas sobre “o fim da história” são uma indicação do colapso de grandes aspirações para o futuro. Há uma crise profunda de revolucionarismo dando origem a um verdadeiro rebaixamento intelectual e a uma impotência para conceber grandes ideais. O saudável conflito de ideias está sendo reduzido ao conflito de interesses ou etnocentrismo racial. Instituições democráticas (partidos, grupos

²⁹ Mamousse Diagne (1992) "Contribution " une critique du principe des paradigmes dominants" in Joseph Ki-zerbo (« /.), *La Nalte des Autres: Pour un Développement Endogène en Afrique*. (Dakar: CODESRIA,), pp. 109-119.

³⁰ Jeremy Seebrook (1992) "On the Dangers of Western Fundamentalism," *Philosophy and Social Action*, 18(3), pp. 27-31.

³¹ Edgar Morin and A. B. Kern, *Terre-Patrie*, *op. cit.*

de pressão, etc.) já estão mostrando sinais de decadência. Problemas grandes de civilização - incluindo a ameaça ao processo de vida por si, representada pela civilização industrial - não estão emergindo como problemas de debates públicos.

Com referência à tipologia dos estados³² na história mundial, de Cheikh Anta Diop, o sistema existente de estados nasceu da conquista. Os movimentos de independência política dos estados coloniais nascidos da conquista não transformaram completamente estes, a articulação entre poder militar e poder civil sempre favoreceu o militar. Esse fator tem implicações profundas para a democratização. Como que esta articulação pode ser revertida em favor do poder civil? Os estados derrotados em 1945, que foram proibidos de se armar estão agora se rearmando. Embora seja verdade que o liberalismo (mercantilismo) não seja a resposta a todos os problemas de direitos humanos (como o Exército Zapatista de Liberação Nacional - EZLN mostra), lutas armadas não levaram necessariamente a uma democracia consistente.

A guerra fria acabou; é algo bom para a democratização. No entanto, resta ver como lidar efetivamente com seu legado, ou seja, seu extenso maquinário e militantes – os militantes de Mobutu. É como na África do Sul, onde o legado do *apartheid* será um grande desafio para lutas democráticas.

O mundo está em movimento real. Forças consistentes da democracia e aquelas do *status quo* estão competindo. Uma nova consciência global, favorecendo o primeiro campo, está emergindo. Esta consciência se posiciona contra a discriminação racial: o sucesso da democracia *pós-apartheid* não baseada na raça na África do Sul e a resolução da questão de Chiapas, baseada na discriminação da população maia, serão desenvolvimentos positivos. Esta consciência se opõe à discriminação religiosa: a democracia será desafiada pelo resultado da luta contra o fundamentalismo (na Argélia, na ex-Iugoslávia, etc.). Se opõe à discriminação étnica: seja em Ruanda, Burundi ou em outro lugar, o desafio é construir democraticamente um estado multiétnico.

Se opõe a discriminação de gênero: o desafio democrático aqui pode ser inventar uma nova teoria/concepção/prática de amor como a base da melhor relação de interdependência entre homem e mulher em todos os níveis.

A desminoritização de pessoas, grupos e o reconhecimento de direitos individuais é, em última análise, uma forma de política emancipatória contra a consciência submissa de acomodação à violação dos direitos humanos no mundo todo. O panafricanismo deve internalizar esses ganhos para poder se tornar um verdadeiro movimento político emancipatório.

³² Cheikh Anta Diop, *Civilization or Barbarism*; *op. cit.* chap.8.

ÁFRICA: DEMOCRACIA E SEGUNDA INDEPENDÊNCIA

Nos últimos quinhentos anos que se levou para a época planetária chegar à sua maturação, a África tem estado sitiada. Os séculos de tráfico internacional de escravos foram seguidos por economias de predação e pelo colonialismo formal. Durante um longo tempo, a maior parte (se não todos) os povos da África não eram pessoas em absoluto, eram *commodities* frequentemente obtidas com ataques a povoados. Os “mercantilistas” africanos que surgiram ao longo do processo não sentiam o apetite por mão de obra que os mercantilistas europeus sentiam.³³ Os africanos estavam vendendo para o exterior o então estratégico elemento do processo de produção em troca de *commodities* as quais eram essencialmente irrelevantes para o desenvolvimento local da produção. Os mercantilistas europeus, seus parceiros, estavam colocando os escravos africanos no processo de produção do assim chamado Novo Mundo. Nessa atmosfera era difícil para os africanos restantes livremente se associarem uns aos outros.

As instituições de sobrevivência que se desenvolveram sob estas circunstâncias, do *Palaver Mbongi* ao *Lemba Kongoism* na área do Congo por exemplo, não são muito conhecidas. As histórias produzidas na base do silêncio paradigmático (ecoando a noção de que pessoas não civilizadas não sabiam de nada ou que apenas europeus “descobrem” coisas) não dão nenhum relato destas experiências- adotadas pelas tradições orais.

Governos coloniais impostos à força estavam baseados na justificativa cultural de que os africanos não eram totalmente seres humanos. Suas instituições foram difamadas e estudadas apenas para fortalecer o controle colonial (“regra indireta”, a qual era na verdade muito direta) sobre os povos africanos.

A partição colonial da África bloqueou o processo de africanização dos povos africanos (muitos povos crescentemente entrando em contato e se associando entre si) que estava se desenvolvendo. Neste sentido, ao reproduzir, com poucas modificações a partição colonial da África a OUA é a continuação da Conferência de Berlim.

Com a gradual (por vezes, abruptas) quebra dos laços sociais provocada pela privatização capitalista da propriedade, muitas pessoas têm perdido as fontes seguras de seus meios de vida, não importa o quão insuficiente estes fossem, e tem se tornado reduzidos a vidas de indescritível pobreza e miséria. Até muito recentemente, em países da África os laços comunitários (parentesco, coletividades)

³³ William A. Darity. Jr. (1982) "Mercantilism, Slavery and the Industrial Revolution" *Research in Political Economy*, Vol. 5. (JAI Press, Inc.), pp. 1-21

eram as formas principais de segurança para a maior parte das pessoas. A privatização em compensação de terras clânicas através do cercamento, introduzida pelas economias coloniais de predação, acelerou a quebra desses laços. O último laço social agora sob pressão de ser também rompido é o laço da própria família (a família comunitária chamada “família estendida” bem como a família nuclear) a sua base material está sendo crescentemente destruída, jogando crianças nas ruas, que se retornaram a sua única “segurança social”.

Mesmo após a independência política, as economias africanas continuam baseadas no trabalho forçado (força de trabalho paga abaixo do seu valor) o que torna necessário reproduzir ou criar novas formas de servidão (clientelismo, etc.) como fonte de subsistência das pessoas. O processo de individualismo tende a limitar-se. Exigências de democracia liberal permaneceram limitadas para ambientes urbanos e categorias sociais limitadas. Lutas em massas tendiam a se basear em identidades comuns e exigências por interesses e direitos de grupos em vez de direitos individuais. Os modelos de democracia, propostos pelos estados coloniais em descolonização, falhou em criar raízes.

Mitos dominantes servindo como paradigmas de ação que emergiram através das lutas coletivas pela independência e autodeterminação nacional foram todos baseados e enfatizados em uma identidade comum, em interesses e direitos perante a ameaça permanente de um inimigo externo. Estes incluíam: o Ocidente como um inimigo e como um modelo para aspirar à uma identidade cultural a ser reafirmada sob o cerco permanente; independência não como um projeto de uma luta contínua mas como um tempo de celebração vitoriosa; desenvolvimento como um pretexto para uma grande desmobilização política e aspiração ao consumismo, em vez de uma visão de remobilização política de massa: libertação como um chamado simbólico em vez da construção de uma concepção racional e de uma visão sensata de mundo. A democracia como pluralismo político apareceu como uma ameaça anárquica. As polarizações da Guerra Fria reforçaram essa consciência global. A ruptura com as primeiras experiências pós-coloniais de multipartidarismo- quando isto acontecia de maneira mais ou menos livre foram assim vistas como um avanço.

Em alguns casos, como Congo-Zaire, a possibilidade de soberania de um povo pareceu ameaçadora para as potências ocidentais da Guerra Fria. Lumumba e outros militantes que se posicionaram firmemente a favor da soberania nacional controlada pelo povo tiveram que ser eliminados. Congolese tornaram-se incapazes de livremente se relacionarem entre si e de praticar a democracia.

Através do poder ocidental (principalmente através dos assassinatos inspirados pelos estados Unidos), das sucessões instigadas e dos golpes de estado, a soberania do povo foi assassinada, e o poder do estado foi colocado nas mãos de militantes pró-ocidentais da Guerra Fria (Mobutu e seu grupo Binza).³⁴ Estes “abusaram do estado Congolese-Zaireense para atender às exigências de estrangeiros morbidamente obcecados com a ameaça comunista no Congo-Zaire.”³⁵ Grandes lutas coletivas gravitaram e se concentraram em torno da demanda por uma segunda independência. i.e., a ressurreição, por assim dizer, da soberania do povo. Insurreições coletivas mulelistas³⁶ armadas, longas lutas dos movimentos estudantis (através de marchas, etc.) e de trabalhadores frequentemente através de greves ilegais e etc., nas circunstâncias da Guerra Fria fizeram o estado se tornar mais repressivo. A repressão se tornou o próprio centro da política de governo. A liberdade e os direitos humanos dos dissidentes e dos críticos foram muito severamente adulterados. Um regime de partido único se tornou, por fim, a moldura institucional para a repressão enquanto política.

Vários tipos de movimentos sociais vieram surgiram logo após o final da Guerra Fria e a aceitação formal, pelo regime em vigor, do multipartidarismo. Estes movimentos incluíam: lutas contra interferência de estado na música e outras formas de arte; lutas contra o abuso do uso da bíblia para favorecer a opressão de gênero - especificamente liderados pela Associação de Teólogas Protestantes femininas; lutas contra taxas arbitrárias no mercado - liderada pela associação de mulheres do mercado; lutas contra cercos de terra dos burocratas - liderado pela *la solidarité paysanne*; lutas religiosas de igrejas independentes contra igrejas cooptadas pelo estado; lutas por associações independentes de estudantes contra a seção de juventude do partido; lutas contra a seção de mulheres do partido único; lutas por um segundo partido; lutas por uma imprensa livre e mídia de massa; lutas pela autonomia dos magistrados - liderada pela associação de advogados, etc. Todas essas lutas e movimentos visam a reconstrução da sociedade tendo como base uma transformação profunda do estado a favor de um que respeite a articulação apropriada entre o interesse comum (público) e o interesse (privado).³⁷

Para alcançar isso, se tornou claro que os vários protagonistas tinham que se reunir em uma conferência nacional para primeiro se fortalecerem como pessoas capazes de exercer soberania

³⁴ Madeleine G. Kalb. *The Congo Cables: The Cold War in Africa - From Eisenhower to Kennedy*. New York: Macmillan Publishing Co. 1982.

³⁵ E. Wamba-dia-Wamba. "National Reconciliation in Zaire: Reasons for the Impasse." *CODESRIA Bulletin* No. 2, pp. 10-13. 1993.

³⁶ Nota de tradução: Rebelião ocorrida no distrito de Kwilu - Congo entre 1963 e 1965 e liderada por Pierre Mulele, seguidor de Patrice Lubumba. Ver: Fox, R., De Craemer, W., & Ribeaucourt, J. (1965).

³⁷ Esta articulação tem estado no centro do pensamento democrático desde Péricles, de acordo com Jacques Rancière *Aux Bords du Politique*. Paris : Editions Osiris. 1990.

nacional enquanto traçavam os contornos de um estado e de uma sociedade nova. A maquinaria e os militantes locais da Guerra Fria, ainda existentes, quase bloquearam o processo de democratização.

Em um grande número de países da África, a democracia foi reduzida ao multipartidarismo. Quando as eleições ocorreram, com base nisso, trouxeram reformas mínimas ao funcionamento do estado. Uma sociedade civil vibrante é necessária para que um verdadeiro pluralismo político ocorra.

A África está experienciando quase todos os problemas que confrontam movimentos de democracia mundial: violação de direitos humanos individuais, fundamentalismo religioso exclusivista, discriminação/opressão étnica (até genocídio), ameaça de golpe de estado militar, discriminação/dominação racial, perdas, erosão, ou usurpação de soberania nacional, discriminação/opressão de gênero, exploração econômica, dominação estrangeira, guerras civis, terrorismo de estado, falta de responsabilização do estado, intolerância, valores negativos etc.

Não há um fórum verdadeiro onde a grande maioria das pessoas africanas envolvidas nas lutas para enfrentar esses problemas possam trocar suas experiências. Estruturas panafricanas de empoderamento democrático, independente de estados, devem ser planejadas. Elas podem ser importantes para o aprofundamento do processo de democratização, para a democratização do próprio panafricanismo, e este processo deve juntar essas forças, as forças de dentro de cada país da África, que estão ativas para tornar o pluralismo político uma realidade. Será uma maneira de confrontar as ONGs pró-imperialistas que visam dominar a sociedade civil em países africanos.

Conclusão:

O mundo está em um movimento ascendente; nenhuma clareza de uma visão única está emergindo após a dissolução do socialismo. Democratização e redemocratização visam a necessidade de reconhecer e respeitar as múltiplas diferenças que caracterizam nossa humanidade. A unidade da humanidade deve ser alcançada sob o *banner* da multiplicidade e da prevenção da unilateralidade. O aprofundamento da democratização em cada país na África e a abertura demográfica de fronteiras de países africanos (através de várias maneiras, incluindo as telecomunicações) irão permitir que pessoas africanas não apenas alcancem e controlem a soberania nacional, mas que controlem o continente e seus recursos. O panafricanismo deve enraizar-se nesse processo para que sua visão possa se tornar enriquecida e popular.